

REFERENCIAÇÃO: *CONTINUUM* ANÁFORA-DÊIXIS

Leonor Werneck dos SANTOS ⁶²(UFRJ)

Mônica Magalhães CAVALCANTE⁶³ (UFC)

Resumo: Propomos discutir o *continuum* referencial e inferencial que norteia as diferenças e aproximações entre anáfora e dêixis, seguindo autores como Lyons (1978), Ehlich (1982), Levinson (1983), Koch e Marcuschi (2002), Abbott (2010), Cavalcante (2011), Cornish (2011), dentre outros. Seguimos as bases teóricas atuais da Linguística de Texto (MONDADA, 2005; KOCH, 2003) e pretendemos comprovar a hipótese de que a dêixis, não se opondo aos casos de anáforas diretas e indiretas (incluindo os encapsulamentos), associa-se a elas como um *continuum* tipológico de maior ou menor grau de deiticidade (CAVALCANTE, 2000) e necessidade de inferências para sua compreensão.

Palavras-chave: Referenciação. Dêixis. Anáfora.

Abstract: *The phenomena of deixis and anaphora have been discussed by many scholars, from different theoretical viewpoints – such as Lyons (1978), Ehlich (1982), Levinson (1983), Koch & Marcuschi (2002), Abbott (2010), Cavalcante (2011), Cornish (2011), Mondada (2005), Koch (2003), and so forth. Therefore, this research will demonstrate the continuum of references and inferences that guides the differences and similarities between anaphora and deixis. We intend to prove the hypothesis that deixis, instead of being antagonistic to cases of direct and indirect anaphora (including encapsulations), is associated to them as a typological continuum with a higher or smaller degree of deicticity (CAVALCANTE, 2000) and need of inferences for text comprehension.*

Keywords: *Referencing. Deixis. Anaphora.*

⁶² Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro/RJ. leonorwerneck@gmail.com

⁶³ Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, UFC, Fortaleza/CE. monicamc02@gmail.com

Introdução

Pretendemos rediscutir conceitos relativos a processos referenciais, como Anáfora Direta (AD) e Indireta (AI) – incluindo as Anáforas Encapsuladoras (AE) – e Dêixis (DE). Em Cavalcante (2003, 2011), já havia sido proposta uma reclassificação desses processos, reorganizando-os com base em um critério de remissão/retomada. Nessa perspectiva, haveria as introduções de referentes no discurso sem nenhuma âncora no cotexto, as diversas estratégias de continuidade referencial, que encerrariam os casos de anáfora, sempre ancorados em alguma pista do cotexto, e os casos de dêixis – que costumam ser consideradas as remissões a dados contextuais quando pressupõem uma *origo*.

Com o passar dos anos e o desenvolvimento dos estudos sobre referenciação, porém, as fronteiras entre os processos referenciais parecem ter sido percebidas como mais tênues. Propomos aqui, em vista dessa constatação, uma discussão sobre o *status* da DE entre esses processos, o caráter da correferencialidade nos casos de AD, de que maneira procedimentos inferenciais precisam ser acessados em exemplos de AI e até mesmo como incluir os casos de AE no quadro dos processos.

Ressaltamos que, neste artigo, nem todos os autores citados partilham do conceito de referenciação. Na literatura linguística, é comum encontrarmos o termo *referência* em pesquisas que pretendem tratar dos processos referenciais, as quais desconsideram, muitas vezes, a perspectiva sociocognitiva e interacional da linguagem. Além disso, costuma-se dar muita ênfase à identificação dos referentes, em vez de se analisar o papel textual-discursivo de construção de sentido dos textos. Assim, alertamos para o fato de termos nos apoiado em autores de perspectivas teóricas distintas, e não apenas em teóricos da Linguística de Texto, para conceituar os processos referenciais e a construção de sentido dos textos.

Referenciação e anáforas

Antes de discutirmos os processos referenciais propriamente, é importante destacar que, desde o final do século XX, pesquisas sobre a referenciação têm se mostrado recorrentes nos estudos de texto e discurso. Atualmente, especialmente no âmbito da Linguística de Texto, o texto vem sendo considerado lugar de interação, processo sociocognitivo e

interacional para o qual convergem intencionalidades, pontos de vista e informações percebidas pelos usuários da língua conforme conhecimentos partilhados.

Nessa perspectiva, aspectos tradicionalmente associados apenas ao entorno comunicativo passam a ser determinantes para a compreensão dos efeitos de sentido dos textos. Conforme lembra Schiffrin (1990, p.267), "even 'text' is 'contextual': it is in the somewhat dubious position of being a linguistic unit that is a unit for non-linguistic reasons".

Para Fonseca (1992, p.136):

A relação de dependência que liga o discurso ao seu contexto é uma relação *reversível*: se a linguagem é dependente do contexto, também se pode dizer que *o contexto é dependente da linguagem* na medida em que é por ela criado. Trata-se, pois, de uma relação de *interdependência*. Uma relação dinâmica e dinamizadora: o discurso e o contexto não são objectos estáveis, são processos entre os quais se estabelece uma interação construtiva. [grifos da autora]

Desta forma, conceitos como referenciação passam a ser considerados, da mesma forma que o próprio texto, de maneira sociocognitiva e interacional, como um dos fenômenos linguístico-textuais de caráter processual. Assim, não se pensa, atualmente, por exemplo, em retomada sem considerar os efeitos de sentido envolvidos nas escolhas dos falantes. A opção de criar uma cadeia referencial entre João / o menino / ele, em vez de, por exemplo, Ele / o menino / João, ajuda a determinar os caminhos da construção de sentido do objeto de discurso João. O conceito de referenciação vem substituindo o de “referência” exatamente por remeter à noção de processo, e os objetos de discurso são analisados tendo em vista a coconstrução de sentido, por serem “objetos constitutivamente discursivos” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.20):

[...] passando da referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso.

Essa perspectiva contemporânea de referenciação considera que o objeto de discurso vai sendo construído durante a enunciação, num movimento sociocognitivo de ativação de conhecimento prévios. Dessa forma, o contexto passa a ser constitutivo dos fenômenos referenciais.

Partindo, portanto, deste conceito mais atual de referenciação, podemos discutir, resumidamente, as classificações dos processos referenciais. Em primeiro lugar, é importante frisar que autores contemporâneos não costumam utilizar a distinção entre anáfora de catáfora, preferindo considerá-las como anáfora – "termo genérico, aplicável nos dois casos" (FONSECA, 1992, p.191) –, eventualmente chamando-as, respectivamente de retrospectiva e prospectiva.

Quanto à distinção entre anáforas diretas e indiretas, diremos que as diretas se caracterizam pela correferência, fazendo remissão a um objeto de discurso presente no texto; já as indiretas abrigam ocorrências de introdução de um referente novo para o cotexto, mas dado, acessível ao coenunciador, que pode reconstruí-lo por âncoras cotextuais. Para Kleiber (2001), haveria diferença entre anáforas de natureza associativa, estabelecidas por metonímia e apoiadas em ligações léxico-estereotípicas, e anáforas indiretas, que necessitam de maior inferência. Porém, discordamos dessa perspectiva adotada por Kleiber; ressaltamos que há muito a dizer sobre as inferências que justificam a existência de uma AI, por isso concordamos com Marcuschi (2005, p.218):

Mesmo inexistindo um vínculo de retomada direta entre uma anáfora indireta e um cotexto antecedente ou posterior, persiste um vínculo coerente na continuidade temática que não compromete a compreensão. Em suma, a anáfora indireta é um caso de referência textual, isto é, de construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo.

Sintetizando, em nossa concepção, seriam AD apenas os casos em que há correferencialidade, em se que retoma total ou parcialmente (isto é, somente um subconjunto do conjunto maior que lhe serve de antecedente) um referente no universo do discurso.

Quanto às anáforas encapsuladoras (CONTE, 2003), reconhecemos que elas incorporam características das demais anáforas, estando, portanto, num meio-termo: como as AI, as encapsuladoras são inferenciais e, ainda que ancoradas em informações dadas, introduzem um novo referente, que sintetiza porções de texto; como as AD, porém, parece haver certo grau de correferencialidade entre a porção de texto sintetizada e o encapsulador. Alguns autores, embora não usem o termo encapsulamento, identificaram, em suas pesquisas, fenômenos equivalentes, observando a peculiaridade de sintagmas que sintetizam porções de texto terem como núcleo geralmente um termo abstrato (ABBOT, 2010). Para Koch (2002, p.36), além desse poder de síntese, é comum encapsuladores serem precedidos de demonstrativos e, por

seu caráter retrospectivo e prospectivo simultaneamente, aparecerem em início de parágrafo. Discutiremos o caso dos encapsulamentos mais adiante, junto a dêixis.

Independentemente da classificação, porém, concordamos com Huang (2000, p.302), que defende que "anaphoric distribution in discourse is a very complex phenomenon, involving, among other things, structural, cognitive, and pragmatic factors that interact with each other". Assim, na análise de textos é necessário ir além do que o cotexto nos apresenta.

Vejamos alguns exemplos de AD e AI no Texto 1:

Texto 1: **Quando a infância é um inferno:** O abuso sexual de crianças cometido dentro da própria casa é uma tragédia mais comum do que se imagina, mas permanece invisível e silenciosa

A violência sexual contra crianças é um tema sobre o qual paira uma barreira de silêncio. Esporadicamente, vem à baila sob forma de um escândalo envolvendo alguém famoso, como aconteceu com o cantor Michael Jackson, e rapidamente desaparece. Quando o assunto é o abuso praticado por alguém da família, o pacto é ainda mais inquebrantável. Não existem sequer estatísticas confiáveis, porque na maioria das vezes a criança sofre calada a experiência devastadora do incesto. Um passo importante para encarar a realidade desse crime terrível, pelos efeitos sobre as pequenas vítimas e por violar um dos tabus fundadores da civilização, está sendo dado no Rio de Janeiro, pela Clínica Psicanalítica de Violência. Criada em 1996, a instituição tem registrados mais de 2.000 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes de todas as classes sociais, dos quais mais de 80% têm como agressor o próprio pai. As psicanalistas Graça Pizá e Gabriella Ferrarese Barbosa, fundadoras da clínica, debruçaram-se sobre 853 prontuários de atendimento a crianças entre 2 e 9 anos de idade, para tornar público o drama do incesto sob o ponto de vista delas. O resultado está publicado no livro *A Violência Silenciosa do Incesto* (Imprensa Oficial de São Paulo; 244 páginas; 60 reais).

Os desenhos que ilustram esta reportagem fazem parte do conjunto de 31 imagens selecionadas por Graça Pizá para ilustrar o que batizou de "vocabulário ilustrado dos afetos emparedados" - uma síntese dos sentimentos mais frequentemente expostos por seus pequenos clientes. São um testemunho comovente da experiência aterrorizante do incesto. Numa idade em que não têm como compreender o que sentem quando violentadas, elas se desenharam mutiladas, isoladas. O medo é comunicado através de seres monstruosos ou, ao contrário, de situações absurdamente realistas, povoadas por enormes órgãos sexuais. Uma menina retratou-se refletida num espelho de teto como os que se veem nos motéis, deitada sob um homem identificado como "papai". [...]

(SOARES, L. Revista Veja, Edição 1852 . 5 de maio de 2004. Disponível em <<http://www.gtpos.org.br/index.asp?Fuseaction=Informacoes&ParentId=290>>. Acesso em 04/10/2013.) [grifos nossos]

Cumprir perceber que o antecedente “o abuso sexual de crianças cometido dentro da própria casa” recebe um atributo mais contundente quando é renomeado como “a violência sexual contra crianças”, "esse crime terrível" e "o drama do incesto". O mesmo ocorre com "o pacto", que recategoriza "uma barreira de silêncio". Sobre as recategorizações, Tavares (2003, p.45) acrescenta:

Todos estes processos referenciais são movidos pela tentativa do enunciador de complementar a designação de um objeto discursivo, que ele julga, de início, inadequada ou insuficiente, sempre procurando a expressão referencial mais apropriada, que levará o interlocutor à reconstrução de suas ideias iniciais a respeito do referente. Assim, ocorrem as recategorizações, que realizam uma dupla função, a da referência propriamente dita, e a de acréscimo de uma informação nova.

É importante destacarmos, não apenas no caso de recategorizações, mas na própria introdução referencial, ou em pronominalizações, elipses e repetições, que as escolhas das estratégias referenciais não são aleatórias. Sobre elas incide a intencionalidade, o gênero discursivo em questão, o suporte onde o texto circula, a sequência textual predominante, além de outros aspectos não apenas linguísticos, mas condicionados pelo caráter sociocognitivo da linguagem e dos textos. Retomando o Texto 1, a progressão referencial percebida, por exemplo, em “a violência sexual contra crianças”, “esse crime terrível” e “o drama do incesto” conduz o leitor a perceber a gravidade do que acontece com as crianças, numa gradação que vai de violência a incesto; a identificação da violência como crime e a referência anterior ao fato de que a violência cometida contra crianças é mais grave dentro de casa conduz a incesto mesmo sem que tenham sido citados graus de parentesco.

Quanto ao exemplo “O resultado”, temos um caso de AI, devido à associação inferencial que fazemos, acionando nosso conhecimento de mundo, entre os 2 mil casos de violência sexual registrados na clínica e a análise efetuada pelas psicanalistas: pressupõe-se um estudo fundamentado, o que também pressupõe resultados – que foram publicados em livro. Essa relação construída no texto entre os numerosos dados, a análise e a divulgação de resultados, reitera a seriedade do tema, o que colabora para o efeito de sentido.

Toda essa construção de sentidos, intencional, marca a arquitetura argumentativa do Texto 1, uma reportagem publicada em uma revista semanal brasileira conhecida pelo tom de denúncia que permeia suas páginas.

Dêixis: da perspectiva formal à sociointeracional

Além dos casos de anáfora, é importante traçarmos um panorama dos estudos de dêixis. As publicações mais citadas em artigos sobre dêixis remontam às décadas de 1970 e 1980 (LYONS, 1977; LEVINSON, 1983; BUHLER, 1982, dentre outros), quando o conceito de texto oscilava entre a perspectiva de “texto como produto” – no qual as informações estavam dadas, marcadas, e os processos coesivos estavam dentro (anáforas) ou fora do texto (dêixis) – e a perspectiva pragmática de “texto como ato de fala”. Classificava-se, naquela época, a chamada “dêixis pura” (LYONS, 1977), de pessoa, lugar e tempo – que era considerada a partir da perspectiva do falante, da *origo* –, e alguns autores, como Lyons e Levinson, apontavam para casos em que elementos dêiticos acompanhavam expressões nominais, formando o que, segundo Lyons (id.), configurava a “dêixis impura”: a memorial e a textual (ou discursiva).

Exemplos como “I want you to put it there now” [Eu quero que você coloque isso aí agora] (Fillmore, 1971), ilustram os casos de dêixis de pessoa/tempo/espaço, pois a identificação desses eixos enunciativos só é possível no contexto da enunciação – às vezes, acompanhados de gestos. Além dessas classificações, numa espécie de desdobramento da dêixis de pessoa, alguns autores, como Fillmore, começaram a defender outro tipo de dêixis, a social, atrelada a relações interpessoais socialmente constituídas de maneira hierárquica. Estariam nessa classificação as formas de tratamento, incluindo a diferença entre *tu* e *vós*, marcando maior ou menor intimidade, em línguas como o francês (*tu/vous*), e tu e você, em línguas como italiano (*tu/lei*). Porém, linguistas como Fonseca (1992, p.128) defendem que a dêixis social deveria ser considerada um subtipo da de pessoa, associando as escolhas entre os modos de tratamento à situação enunciativa:

A dêixis social, cuja definição costuma ser atribuída a Fillmore, corresponde, pois, a uma deixis pessoal alargada às dimensões sociais da interação entre os participantes no acto de comunicação, considerando “/.../ the aspect of sentences which reflect or establish or are determined by certain realities of the social situation in which the speech act occurs.” (Fillmore, 1975, p.76). Com este alargamento traça-se a ponte que permite passar do que costuma chamar-se uma pragmática minimalista para uma pragmática maximalista: do estudo restrito da indexicalidade ao estudo amplo da interação discursiva.

Abordagens como a de Fonseca acenam para uma concepção sociocognitiva da dêixis, observando seu papel textual-discursivo – o que não encontramos em autores como Lyons e Fillmore. Para Cavalcante (2000, p.45), a dêixis social, "apesar de também manter uma relação direta com os participantes da comunicação, condiciona-se a aspectos socioculturais e é funcionalmente menos produtiva".

Sintetizando, portanto, essa classificação, que podemos chamar de clássica, de tipos de dêixis, teríamos o quadro abaixo:

Dêixis	"pura"	Pessoa (e social)
		Tempo
		Lugar
	"impura"	Memorial
		Textual (ou discursiva)

Segundo Fillmore (1971), observamos usos dêiticos de determinadas expressões referenciais sempre que elas pressupuserem a *origo*, o ponto de partida do enunciador no tempo-espaço de fala. Como alerta Levinson (1983), a dêixis é organizada de modo egocêntrico, partindo do falante a referência à pessoa, ao tempo, ao lugar, ao centro discursivo de produção do enunciado e ao centro social em que estão os interlocutores ou os referentes⁶⁴.

Porém, mesmo considerando esses centros dêiticos, no exemplo (1), a seguir, o caso de "aqui" parece ligeiramente diferente de "hoje" e "eu":

(1) Nossa acredita, até hoje eu não consigo mais ficar aqui no orkut, fiquei muito mal mesmo por terem excluído meu perfil... eu tinha muitas coisas escritas [...] (Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Home>>. Acesso em 18/11/2013)

Podemos perceber que "hoje" e "eu" realmente se apoiam no sujeito enunciativo, mas "aqui" é apresentado, logo a seguir no contexto, como "no Orkut". Para autores como Schiffrin (1990), casos semelhantes ocorrem em:

(2) I was born in London and I have lived here/there all my life.
(Nasci em Londres e vivi aqui/lá minha vida toda)

Segundo Schiffrin (1990, p.246), ainda que a diferença entre dêixis e anáfora pareça simples, "particular expressions can be used in ways that are difficult to identify as purely

⁶⁴ A estes pontos, faltou acrescentar a memória discursiva do falante em relação à de seu interlocutor, que comentaremos mais adiante.

deitic or purely anaphoric", por isso, em exemplos como (2), here/there (aqui/lá) estabelecem uma relação anafórica quanto a London, retomando-a como AD, e dêitica quanto ao enunciador – demonstrando sua proximidade ou distância em relação à cidade inglesa. Como percebemos, mesmo os casos de "dêixis pura" parecem levantar algumas dúvidas quanto à classificação.

Por outro lado, o caminho é ainda mais movediço quando analisamos exemplos da chamada "dêixis impura": memorial e textual. Os exemplos (3) – de Lyons – (4) e (5) – este último retirado do texto 1 – ilustram o que tradicionalmente se considera dêixis textual:

(3) (X says) - I've never even seen him.

(Y answers) - That's a lie. (X diz - Eu nunca o tinha visto antes / e Y responde - Isso é uma mentira.)

(4) Além de não fazer mal algum, muitos insetos podem ser tão nutritivos – e saborosos – quanto vários outros bichos que colocamos no prato todos os dias. “O nojo que nós, ocidentais urbanos, temos por esses seres é puramente cultural”, diz Bill Yosses, chef do badalado restaurante novaiorquino Citarella.⁶⁵

(5) Os desenhos que ilustram esta reportagem fazem parte do conjunto de 31 imagens selecionadas por Graça Pizá para ilustrar o que batizou de "vocabulário ilustrado dos afetos emparedados" - uma síntese dos sentimentos mais frequentemente expostos por seus pequenos clientes.

Para Lyons, o uso de That/Isso, no exemplo (3), demonstra um ponto de partida dêitico localizado no próprio texto, que passaria a ser tomado como *origo*. Nessa concepção, o pronome demonstrativo "aponta para" o próprio texto – no caso, referindo-se ao ato de fala anterior "I've never seen him". Análise semelhante seria feita em (4) e (5), com a peculiaridade da referência metalinguística ao gênero textual em questão, neste último caso: "esta reportagem".

Porém, se analisarmos os exemplos (4) e (5), classificados por Lyons, Levinson, Ehlich (1983) e outros autores como dêixis textual, temos a impressão de que a perspectiva de texto adotada é mais estanque, desconsiderando aspectos discursivos envolvidos quanto à construção de sentido. Para alguns autores, exemplos com pronomes demonstrativos seguidos ou não de SN (isso/aquilo, esses seres, esta reportagem) podem retomar e/ou resumir conteúdos presentes em porções anteriores no texto e constroem um novo objeto de discurso.

⁶⁵ PIMENTA, A.; SOALHEIRO, B. Comer insetos faz mal? Disponível em <<http://super.abril.com.br/alimentacao/comer-insetos-faz-mal-444541.shtml>>. Acesso em 04/10/2013. [grifos nossos]

Para autores como Francis (2003) e Conte (2003), o caso expresso em (3), por exemplo, seria uma AE (encapsulamento), cujo referente é abstraído do contexto disperso precedente; já "esses seres" não deixa de ser uma AD. Observemos, porém, que essas classificações não excluem a percepção do papel dêitico do pronome demonstrativo, apenas acenam para a função anafórica predominante. Cornish (2007, 2011), reconhecendo o duplo papel de casos como "esses seres", classifica-os como anadêixis, exatamente para destacar-lhes o caráter híbrido.

Já o exemplo (5) parece mais polêmico entre os linguistas, pois a expressão "esta reportagem" refere-se metadiscursivamente ao próprio texto. O mesmo ocorreria em casos como "o próximo parágrafo", "no capítulo anterior", como defende Fillmore (1975, p.289):

the deictic time expressions "this", "next" and "last" that are appropriate for portions of discourse are those that are appropriate for calendar units in the time semantics. "In the last paragraph" is like "last week"; "in the next chapter" is like "during this month"; and "This sentence contains five words" is a little like "This week contains three legal holidays".

Porém, discordamos dessa análise, pois não nos parece que "esta sentença", "esta semana" e "esta reportagem" (exemplo 5) sejam iguais. Em "esta semana", observamos um típico caso de dêixis de tempo, em que a *origo* se encontra no momento da enunciação; em "esta reportagem", parece-nos que se constitui como um caso mais próximo do que, de fato, sempre foi chamado de dêixis textual (logodêixis) – considerando o próprio texto como *origo*; já em "esta sentença" podemos ter também um caso de encapsulamento (com pronome demonstrativo), se, metadiscursivamente, estivermos nos referindo, por exemplo, a uma sentença anteriormente citada.

Em todos os casos expressos nos exemplos (3), (4) e (5), há o uso do pronome demonstrativo, que parece ser o elemento que chama mais atenção dos linguistas. E, a respeito disso, também gostaríamos de destacar alguns aspectos. Em diversos artigos, a abordagem da dêixis enfatiza a análise de casos com demonstrativos, sozinhos ou seguidos de SN; precisamos observar, porém, que, em outras línguas, os demonstrativos parecem ter um comportamento diferente dependendo da língua.

Para Fossard e Rigalleau (2005, p.299), por exemplo, o pronome demonstrativo *celui-ci* em francês não se comporta da mesma forma que os demonstrativos em inglês:

Finally, the conclusions of this study about the pronoun *celui-ci* may not be extended to demonstratives in general, in particular the most frequent and

unmarked demonstratives such as English *this* or French *ce*. *Celui-ci* and similar devices in other languages are somewhat related to demonstratives, but they are a very specialized kind of demonstratives.

Outra peculiaridade: em inglês, *that* pode ser equivalente a "isso" ou "aquilo", dependendo do enunciado. Além disso, quando analisamos exemplos citados por autores estrangeiros, percebemos algumas dificuldades devido a peculiaridades entre as línguas, como acontece com "it/that", que em português são traduzidos do mesmo modo: "isso". Assim, alguns exemplos de Lyons (1977), como (3) e (6), recebem a mesma tradução em português:

- (3) (X says) - I've never even seen him.
 (Y answers) - That's a lie. (X diz - Eu nunca o tinha visto antes / e Y responde - Isso é uma mentira.)
- (6) (X says) That's a rhinoceros. (- Isso é um rinoceronte.)
 (and Y responds) A what? Spell it for me. (- Um o quê? Soletre isso / Ø pra mim)

Gundel, Hedberg e Zacharski (2005, p.357-358) também comentam um exemplo em inglês – referente ao uso de *that/it* – que, quando traduzido para o português, não apresenta qualquer diferença:

- (15) Pete: I stuck up for you today at that store.
 Harold: **That's** true.
 (16) This is a raging bureaucracy, . . . and there's nothing I can do. . . I have found **that** out.
- In (15), *that* refers to the proposition that Pete stuck up for Harold today at the store. In (16), *that* refers to the fact there is nothing the speaker can do. The pronoun *it* would not have been felicitous in either of these cases. ⁶⁶

Ou seja, em inglês, o comportamento de "it/that" parece ser diferente na construção da cadeia anafórica ou do procedimento dêitico: "it", segundo os autores, não pode se referir a fatos ou proposições. Mas em português, temos apenas o demonstrativo "isso", podendo referir-se a fatos, proposições, objetos, até mesmo pessoas, num sentido pejorativo.

Também merece destaque o fato de serem comuns as recategorizações das anáforas correferenciais assinaladas com um demonstrativo. Nos exemplos a seguir, citados por Abbot (2010, p.192), percebemos esses usos, com demonstrativos "intended to denote something referred to in the previous text":

⁶⁶ Exemplos retirados de artigos de outros autores mantêm a numeração de origem.

(9a) Kylie arrived with a lot of friends. These friends were aged 4–5 years old.

(9b) Alexander was mean to his sister. That error cost him dearly.

A autora classifica os exemplos (9) como "anáforas com demonstrativo", defendendo que o demonstrativo auxilia na identificação do elemento ao qual a anáfora se refere. Observemos que, embora a autora não use o termo encapsulamento, no exemplo (9b) "That error" sintetiza o enunciado anterior, conferindo-lhe uma carga avaliativa. Bühler (1982) e Diessel (2006, p.464) também defendem que o demonstrativo serve para coordenar o foco de atenção do interlocutor:

In their basic use, serve to coordinate the interlocutors' joint focus of attention. [...] joint attention plays a foundational role in communication, discourse, and grammar and demonstratives are commonly used to *create (or manipulate) a joint focus of attention*. [grifos nossos]

Conclusão semelhante apresentam Vieira, Salmon-Alt e Gasperin (2005, p.387) ao comentar o exemplo (10):

(10) a. adoptar medidas de âmbito nacional (to adopt measures)
b. essa adopção (this adoption)

[...]The *other anaphora* class represents the uses of demonstratives that require special techniques to identify antecedents that are not noun phrases (sentences, paragraphs or sets of those) and antecedents that do not refer to the same entity as the anaphoric demonstrative.

Casos como (9b) e (10), apresentam classificação diferente entre os linguistas: para alguns, como Conte (2003) trata-se de Anáfora Encapsuladora; para outros, como Lyons (1977) e Levinson (1983), trata-se de dêixis textual; para Cavalcante (2011), existe aí um fenômeno híbrido de anáfora encapsuladora com um elemento dêitico.

Ainda em relação aos tipos de dêixis, falta tratarmos da dêixis de memória. Segundo Fonseca (1992), a dêixis "am Phantasma" (Buhler), também chamada pela autora de dêixis memorial⁶⁷, é uma modalidade que consegue apontar para seres, objetos ou acontecimentos evocados ou (re)construídos pela memória ou pela imaginação. Porém, a autora questiona essa classificação e, citando Weinrich, concorda com este autor defendendo que

⁶⁷ Para Apothéloz (2000), Cavalcante (2000), dentre outros, a dêixis de memória não se reduz à dêixis "am phantasma", mas inclui qualquer remissão dêitica a conhecimentos supostamente compartilhados pelos participantes da comunicação.

[...] os deícticos não são usados para "apontar" em direcção a este ou aquele elemento do contexto, são usados essencialmente como instruções incluídas pelo locutor no texto no sentido de convidar o interlocutor a fazer um uso determinado da sua memória. Mesmo no caso da chamada deixis "ad óculos" a instrução visa à *memória*: "La fonction des démonstratifs est d'inviter l'auditeur à procéder à une réorganisation de sa mémoire: passer de la mémoire immédiate des objets à la mémoire linguistique." [...] Em relação à teoria de Bühler, que constitui o ponto de partida da sua reflexão sobre a deixis, H. Weinrich assume uma posição crítica, considerando sem fundamento "la prioridad supuesta por Karl Bühler /.../ de la deixis situacional sobre la deixis anafórica (= textual)." (H. Weinrich, 1976, p.211). Para H. Weinrich, como ficou claro, **a função textual dos deícticos é a sua função primária, englobante das outras**: "Uma teoria textual da *deixis* constitui por si só uma teoria homogénea da deixis em geral, permitindo compreender o funcionamento das diferentes formas de *deixis* /.../" (H. Weinrich, 1986, no prelo). (FONSECA, 1992, p.129-130) [grifos nossos]

Analisemos os exemplos (7a) e (7b), muito comuns na conversação espontânea, imaginando que não haja nenhum João ou nenhum "ex-marido" presente na situação de enunciação:

(7a) Esse João não tem jeito!

(7b) Não quero nunca mais falar daquele traste do meu ex-marido!

Em ambos os exemplos, podemos imaginar uma situação na qual o enunciador dirige-se ao interlocutor sem apontar para ninguém e sem que João ou o ex-marido tenham sido citados previamente.

Podemos dizer que a dêixis de memória aponta em direcção ao campo dêitico do conhecimento comum aos interlocutores, ao passo que as introduções por dêixis de pessoa, de tempo e de espaço remetem ao campo da situação empírica de fala. O que separa as duas espécies de remissão ao conhecimento compartilhado parece ser o tipo de instrução dada ao coenunciador e os implícitos que cada uma acarreta. Poderíamos, de repente, numa mudança brusca de assunto em circunstâncias informais de conversação, soltar o comentário "Não quero nunca mais falar daquele traste do meu ex-marido" e prosseguir a conversa justificando sua opinião. Não sobreviria nenhuma sensação de estranheza ou de inadequação contextual. Mas, se substituíssemos o demonstrativo *aquele* pelo artigo definido *o*, ainda que o efeito fosse aparentemente o mesmo, mudariam as condições de saliência, pois o demonstrativo acentua a ilusão de atenção conjunta, como se o referente, ainda que ativado pela primeira vez, pudesse ser facilmente acessado pelo destinatário.

Chamar sintagmas como esse de dêixis memorial implica considerar que os interlocutores partilham de informações que estão em sua memória discursiva mas não estão explícitas textual nem contextualmente. Desta forma, podemos considerar exemplos assim como típicos de uma visão sociocognitiva interacional, pois temos a impressão de que apenas os interlocutores envolvidos na enunciação partilham do conhecimento acerca do objeto de discurso ao qual o elemento dêitico seguido de SN se refere.

Percebemos, portanto, que exemplos comumente considerados como dêixis textual e dêixis de memória abrem caminho para uma análise sociocognitiva, mas essa perspectiva não é comum em estudos sobre a dêixis – ao contrário do que ocorre com os casos de anáfora, que costumam ser abordados já há algum tempo, numa perspectiva processual, de construção de sentido. Segundo Fonseca (1992, p.72),

Os deícticos "apontam" para uma presença implícita de que extraem elementos indispensáveis à significação. Esta presença (compresença) não está condicionada pela coexistência física; engloba também tudo o que constitui a memória compartilhada pelos intervenientes num acto de enunciação e que pode, por esse facto, ser considerado presente (conferindo-se assim dimensão à noção adimensional de presente).

A percepção do ato de enunciação, destacada por Fonseca, parece ser mais óbvia nos casos de dêixis temporal, pessoal ou espacial, mas, mesmo nesses casos, identifica-se a origo sem analisar o efeito de sentido no texto. Os exemplos de dêixis textual e de memória explicitam a necessidade de ir além da percepção da *origo*, pois frequentemente colaboram para marcar argumentativamente o texto.

Resumindo, podemos concluir que os estudos de dêixis precisam ir além da análise dos demonstrativos, pois não é exatamente a forma que imprime a uma expressão o estatuto da dêixis, mas o uso que dela se faz em circunstâncias particulares. Toda estratégia referencial se desenvolve, a nosso ver, por um mecanismo dêitico (leia-se o que diz Lyons, 1977, sobre “componente dêitico”), ou seja, por um dispositivo remissivo, uma propriedade de apontar para um dado objeto localizável em dado “campo dêitico” (BUHLER, 1982), que pode ser ou o espaço situacional da comunicação empírica, ou o espaço cotextual, ou a memória compartilhada, ou mais de um desses campos a um só tempo. Observemos, portanto, que postulamos a distinção entre “componente dêitico”, peculiar a toda expressão referencial, e *dêixis* propriamente dita – um processo referencial que depende, necessariamente, da consideração do ponto de origem do enunciador, de sua localização espaço-temporal.

Anáforas e dêixis: caminhos que se cruzam

Diante de tantos aspectos comentados, nas seções anteriores, acerca da distinção entre anáfora e dêixis, percebemos que nem sempre são completamente nítidos os limites que as diferenciam, porque, no fundo, subsiste em qualquer processo anafórico o mesmo comportamento remissivo a um campo dêítico, neste caso o do contexto textual. Retomemos, portanto, algumas questões para aprofundá-las.

Temos defendido a necessidade de incluir na definição de anáfora um traço cotextual – para nós, a maneira mais plausível de dar aos anafóricos uma identidade própria. Entendemos que a característica peculiar às anáforas é ter alguma âncora no cotexto que lhes sirva de gatilho, como bem se depreende das palavras de Lyons (1977, p.670):

Anaphora involves the transference of what are basically spatial notions to the temporal dimension of the context-of-utterance and the reinterpretation of the deictic location in terms of what may be called location in the universe-of-discourse. The notion of previous mention, which is commonly invoked in discussions of anaphora, depends upon the temporal relation which holds (in a spoken text) between the anaphoric expression and its antecedent. The basically deictic component in an anaphoric expression directs the attention of the addressee to a certain part of the text or co-text and tell him, as it were, that he will find the referent there. It is not the referent itself that is in the text or co-text. The referent is in the universe-of-discourse, which is created by the text and has a temporal structure imposed by the text; and this temporal structure is subject to continuous modification. To say that the referent has a textual location implies, then, that it will be found in a certain part of the universe-of-discourse, as this is structured, temporally, by the text; and a subsequent reference to this referent by means of an anaphoric expression will identify the referent in terms of the textual location of the antecedent.

É a âncora que permite o encadeamento, a continuidade da referência; é ela que dá a uma expressão referencial o estatuto de anafórica; é para ela que se volta a atenção conjunta dos enunciadores ao buscarem no cotexto o outro fio da meada.

O caráter híbrido entre anáfora e dêixis também é destacado por Cornish (2007, p.1):

Deixis and anaphora are complementary discourse procedures which the user exploits in constructing, modifying and accessing the contents of mental models of an unfolding discourse represented in the minds of speaker and addressee (or writer and reader in the written form of language). [...] Both anaphora and deixis operate at the level of memory organization, enabling the speaker to manage it by guiding the addressee's processing of the incoming segments of a text (cf. also Ehlich, 1982: 325, 330).

Além disso, temos percebido que o conceito de dêixis "impura" constitui-se um amálgama entre esse processo referencial e a anáfora. Casos tradicionalmente classificados como dêixis textual – cf. exemplos (9a) "These friends, retomando "a lot of friends", e (9b) "That error", retomando todo o enunciado anterior – comportam-se textualmente como anáforas (diretas e encapsuladoras, respectivamente). Porém, não podemos desconsiderar o traço dêítico provocado pelo uso do demonstrativo, que parece indicar ao coenunciador que o objeto foi refocalizado sob novo prisma. Como mostram Conte (1999), Ciulla (2002) e outros autores, estamos lidando, nestes casos, com um fenômeno híbrido de anáfora e de dêixis; destacamos, porém, que nesses exemplos parece haver baixo grau de deiticidade (CAVALCANTE, 2000), pois essas expressões indiciais que remetem ao espaço do cotexto apresentam como principal função discursiva chamar a atenção do coenunciador ou para um referente já introduzido ou para a porção textual à qual o encapsulamento remete.

Também entre as anáforas indiretas, é possível encontrar traços dêíticos devido à presença de demonstrativos. Alguns estudiosos têm ressaltado as funções discursivas de dêíticos demonstrativos, em usos muitas vezes tomados como "insólitos", como no seguinte exemplo mencionado por Gary-Prieur e Noailly (2003, p.232):

(12) Bernis est pâle et la prend dans ses bras et la berce.
Geneviève ferme les yeux:
– Vous allez m'impoter...
Les temps fuit sur *cette épaule* sans faire de mal.

Observemos, portanto, que "cette épaule/aquele ombro" é, por um processo metonímico, associado ao personagem já mencionado, Bernis, que toma Genoveva nos braços. Em nossa concepção, "sobre aquele ombro", é claramente uma instância de anáfora indireta, cuja âncora se encontra no segmento anterior. Além disso, o demonstrativo enfatiza a ruptura entre a voz do narrador e a voz do personagem, entre a perspectiva de um e de outro. O demonstrativo *aquele* expressa, na verdade, uma relação de natureza espaço-temporal, de distância entre o narrador e o cenário descrito. Exemplos assim necessitam de inferências para serem compreendidos, para que se faça a associação entre "tomar nos braços" e "ombro".

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999, p.14-15) também destacam vários exemplos de anáforas indiretas com demonstrativo, para os quais é necessário observar as âncoras cotextuais e fazer inferências:

(8) A large white cat, which belonged to the gardener, jumped onto my knees, and, with *this jolt* closed the book which I placed down at my side to caress the beast.

[Um grande gato branco, que pertencia ao jardineiro, pulou sobre os meus joelhos e com *este susto* fechou o livro que eu coloquei embaixo ao meu lado para acariciar o animal.]

(9) He examines his future harvest for the last time before returning to the village. Sold at a good price, *this cotton* should allow him to buy millet which will be scarce.

[Ele examinou sua futura colheita pela última vez antes de voltar à cidade. Vendido por um bom preço, *este algodão* poderia permitir-lhe comprar milho, que ficará escasso.]

(10) The strikers, who have found only *this means* (i.e. to strike) of showing their opposition to the President of Togo, must be fed.

[Os grevistas, que encontraram somente *este meio* (i.é fazer greve) para mostrar sua oposição ao Presidente de Togo, devem ser alimentados.]

Em todos esses exemplos, o demonstrativo orienta o olhar do leitor para o cotexto. Por isso, para alguns autores usos assim são enquadrados na dêixis textual. Para nós, porém, há outra possibilidade de classificação: em (8) e (9), uma anáfora indireta; em (10), um encapsulamento – todos os três, portanto, são casos de anáfora, com demonstrativo que aponta ao coenunciador que o cotexto é o local onde a âncora deve ser localizada.

A necessidade de reiterar o caráter anafórico de exemplos como (8), (9) e (10) decorre de vários aspectos. O principal deles, como já afirmamos, é que a abordagem da dêixis, em contraponto à da anáfora, não costuma ser feita considerando aspectos textual-discursivos, mas apenas aspectos formais (pronome, advérbio...) e relativos à origo. Por isso, percebemos tanta ênfase no uso dos demonstrativos, em vez de observar o papel anafórico. Para nós, portanto, importa destacar o papel anafórico sem desconsiderar o traço dêitico, ainda que tênue, de exemplos como os citados acima.

Essa nossa abordagem procura sintetizar o que percebemos em diversos artigos, que apontam o terreno movediço entre anáfora e dêixis textual/discursiva. Para mostrar o caráter híbrido de alguns exemplos, os autores criam termos e expressões para tentar explicá-lo, como “anadêixis”, “anáfora com demonstrativo”, “anáfora demonstrativa”, “outra anáfora”, “demonstrativos anafóricos” (ROCHA, 2005), “anaphoric-deictic pronoun”, “deixis anafórica (= textual)”. Em linhas gerais, essas classificações parecem denotar a função textual percebida nas expressões assim classificadas e o reconhecimento dos traços dêiticos decorrentes da presença dos demonstrativos. É o que observamos em Abbot (2010, p.261):

(16a) . . . the dog next door kept me awake.

(16b) . . . that dog next door kept me awake.

I agree with Gundel et al. that the use of that signals an assumption that the addressee is familiar with the referent in question, and that this is the crucial difference between that and the in such NPs, but how this came about (again, presumably from the original distal deictic use) is another mystery.

Para Abbot, em casos em que se pode optar pelo uso de um artigo definido ou de um demonstrativo, a escolha por este último assinala que o referente é familiar, de algum modo. Ou, como dissemos acima, o demonstrativo orienta o interlocutor para identificar o objeto de discurso já citado no contexto – e que pode não estar muito explícito, como no caso de anáforas encapsuladoras e indiretas.

Concordamos, portanto, com Reichler-Béguelin (1988, p.20-21), quando afirma que o principal na distinção entre anáfora e dêixis se concentra em como a memória discursiva é alimentada, e não como a informação é recuperada:

Si l'on choisit d'operer, en matière de phénomènes référentiels, avec une notions de "memoire discursive", de "savoir partagé", ou um concept équivalent, on est en fait conduit à repousser d'un cran l'opposition deixis/anaphore: référence déitique aussi bien que référence anaphorique seront décrites comme appel ou rappel d'informations contenues dans le stock de connaissances officiellement partagées, dans les représentations mentales communes aux partenaires de l'interlocution, la différence se situant au niveau du *mode de validation* de ces informations: dans l'anaphore ou la référence contextuelle, l'information est validée parce qu'elle est object de discours ailleurs dans le texte; dans la deixis, elle est validée parce qu'elle fait l'object d'une perception concomitante à l'énonciation. *L'opposition deixis/anaphore porte donc sur la façon dont est alimentée la mémoire discursive, et non sur la façon don't les informations en sont extraites.* [grifo nosso]

Também Schiffrin (1990, p.265), analisando o advérbio "then", chega à conclusão de que seu uso anafórico depende de seu significado dêítico, uma vez que texto e contexto constituem um ao outro:

[...] the anaphoric meaning of *then* is dependent on its deitic meaning because texts and contexts constitute one another. In other words, language [...] is a 'part of' social interaction such as language and social interaction both create, and create from, each other (cf. Brown and Levinson, 1987).

Constatamos, portanto, que o debate a respeito da distinção entre anáforas com demonstrativos e dêixis, principalmente a textual, está longe do fim. Há de se considerar o

procedimento dêitico engatilhado pelo uso de demonstrativos, mas é necessário também considerar o papel anafórico essencial na progressão textual. A conclusão de Altimira (2012, p.213) reforça esse terreno movediço: "The current view is that anaphora and deixis should not be distinguished (HEIM e KRATZER, 1998; RECANATI, 2005)".

Observações finais

Propusemos, neste artigo, uma revisão dos conceitos de anáfora e dêixis, traçando um panorama entre autores de épocas e perspectivas teóricas distintas, para tentar repensar esses processos referenciais à luz de uma concepção sociocognitiva e interacional do texto e da referenciação. De tudo o que apresentamos, poderíamos sistematizar no seguinte quadro sinótico os processos referenciais:

Processos referenciais		
INTRODUÇÃO REFERENCIAL	ANÁFORA (CONTINUIDADE REFERENCIAL)	DÊIXIS
	Anáfora Direta (correferencial) Anáfora Encapsuladora (sintetizadora) Anáfora Indireta (não correferencial)	Pessoa Espaço Tempo
	Dêixis de memória e textual (casos híbridos de anáfora e dêixis)	

Não acreditamos que o quadro acima resolva todos os problemas de classificação, mas defendemos que levantar a hipótese de que os casos de dêixis textual e de memória constituem um hibridismo entre dêixis e anáfora pode explicar por que o caráter anafórico se sobrepõe nesses casos e se mantém o traço dêitico devido ao uso dos demonstrativos.

Além disso, acreditamos que o debate possa ser ainda mais profundo se incluirmos, na análise dos processos referenciais, aspectos textual-discursivos que costumam ser preteridos, como a constituição da sequência textual e/ou do gênero discursivo analisado. Concordamos com Fonseca (1992, p.154-155), que alerta para a importância de observar até mesmo instâncias ficcionais:

Não se pode confinar o estudo da significação linguística à palavra, nem à frase, nem sequer ao texto; é preciso analisá-la também ao nível da obra, isto é, do texto narrativo, produtivo de uma *configuração cognitiva* do real, de uma *ficção*.

Também encontramos alerta semelhante em Huang (2000, p.312): "All this indicates that anaphoric selection in English written texts is indeed sensitive to the rhetorical structure

of text". Assim, um desdobramento possível (e ainda pouco aprofundado) seria observar, por exemplo, se em sequências descritivas predomina algum processo referencial, ou, como mostramos na análise do artigo de opinião, se em textos argumentativos até mesmo estratégias dêiticas aparecem a serviço da persuasão. Ou ainda, na reportagem sobre as formigas, quando mostramos que, mesmo sendo um texto de divulgação científica, por ser voltado para um público infanto-juvenil, as anáforas diretas recategorizadoras são marcadas com tom humorístico, e não houve, pelo menos nessa análise, ocorrência de dêixis.

Acrescentamos, nesta pesquisa, algumas críticas a propostas anteriores sobre os processos referenciais, tomando como prisma reflexões sobre a dêixis, a introdução referencial e a anáfora. Não tivemos a pretensão de esgotar o tema, mas de questionar alguns pressupostos considerados em análises que nem sempre consideram o texto como processo, em constante reconstrução de sentido por parte dos interlocutores.

É o que concluem Gundel, Hedberg e Zacharski (2005, p.363) após analisarem casos de encapsulamento (sem usar essa classificação):

Finally, more work is needed on the classification of type of referent (e.g. proposition, fact, situation, etc.) for both personal and demonstrative pronouns.

Se concebemos o texto como processo e enfatizamos a importância da referenciação na construção de sentido, precisamos analisar os exemplos observando esse processo sociocognitivo e interacional, complexo e abrangente. Dessa forma, os referentes só podem ser concebidos como novos ou velhos na perspectiva do cotexto, já que, do ponto de vista dos participantes da enunciação, o falante investe, em geral, no pressuposto de que a entidade a ser referida será de algum modo acessível ao destinatário, ou pelas pistas contextuais, ou pelo saber comum a ambos, ou pelos indícios da situação comunicativa real.

Referências

ABBOT, B. **Reference**. Oxford: Oxford Un. press, 2010.

ALTIMIRA, G. B. **The meaning of space in Catalan Sign Language (LSC) - Reference, specificity and structure in signed discourse**. Tesi Doctoral - Un. Pompeu Fabra, Barcelona, 2012.

APOTHÉLOZ, D. **Référent sans expression référentielle: gestion de la référence et opérations de reformulation dans des séquences métalinguistiques produites dans une tâche de rédaction**

conversationnelle In: NÉMETH, Enikő (Ed.). **Pragmatics in 2000: Selected papers from the 7th International Pragmatics Conference**, v. 2. Antwerp: International Pragmatics Association, 2001. p.30-38.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. **Journal of Pragmatics**, 31, p.363-97, 1999.

BUHLER, K. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (Eds.) **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1982. p.9-30.

CAVALCANTE, M. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. Tese (Doutorado em Linguística). UFPE, Recife, 2000.

CAVALCANTE, M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.44, p.105-18, jan/jun, 2003.

CAVALCANTE, M. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: EdUFC, 2011.

CIULLA, A. **A referenciação anafórica e dêitica: com atenção especial para os dêiticos discursivos**. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFC, Fortaleza, 2002.

CONTE, M-E. **Condizioni di coerenza. Ricerche di linguistica testuale**. 2. ed. ampl. Alessandria: Edizioni dell' Orso, 1999.

CONTE, M-E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. et al. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.177-190.

CORNISH, F. Deictic, discourse deictic and anaphoric uses of demonstrative expressions in English. Workshop “Anaphoric uses of demonstrative expressions”, System und Variation, 29th DGfS Annual Meeting, Universität Siegen, Germany (28th February-2nd March 2007). [mimeo]

CORNISH, F. Indexical reference within a discourse context: Anaphora, deixis, “anadeixis” and ellipsis. **Journée d’Etude « Ellipse et anaphore »**. Paris: Institut Charles V/Université Paris 7, p.1-31, 2011.

DIESSEL, H. Demonstratives, joint attention, and the emergence of grammar. **Cognitive linguistics**, 17-4, p.463-489, 2006.

EHLICH, K. Anaphora and deixis: same, similar, or different? In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (Eds.). **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1982. p.315-338.

FILLMORE, C. **Lectures on deixis 1971**. Berkeley: University of California, 1975.

FONSECA, F. I. **Deixis, Tempo e Narração**. Porto: Fund. Eng. A. de Almeida, 1992.

FOSSARD, M.; RIGALLEAU, F. Referential Accessibility and Anaphor Resolution: The Case of the French Hybrid Demonstrative Pronoun *Celui-Ci/Celle-Ci*. In: In: BRANCO, A.; McENERY, T.; MITKOV, R. (Ed.). **Linguistic, cognitive and computational modelling**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p.283-302.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. et al. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.191-228.

GARY-PRIEUR, M-N; NOAILLY, M. Demonstrativos insólitos. In: CAVALCANTE, M. et al. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.229-249.

GUNDEL, J.; HEDBERG, N.; ZACHARSKI, R. Pronouns Without NP Antecedents: How do we Know when a Pronoun is Referential? In: BRANCO, A.; McENERY, T.; MITKOV, R. (Ed.). **Linguistic, cognitive and computational modelling**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p.351-364.

HUANG, Yan. **Anaphora: a cross-linguistic approach**. Oxford: Oxford Univ. press, 2000.

KLEIBER, G. **L'anaphore associative**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

KOCH, I. Linguagem e cognição: construção e reconstrução dos objetos de discurso. **Veredas**, v. 6, n. 1, p.29-42, 2002.

KOCH, I. **Construindo os sentidos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I.; MARCUSCHI, L.A. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. Bernadete; RODRIGUES, A.C.S. (Orgs.). **Gramática do Português Falado**. v.VIII. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p.31-56.

LEVINSON, S. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LYONS, J. **Semantics**. v. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I.; MORATO, E.; BENTES, A.C. (Orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p.51-101.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p.11-31.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. et al. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

REICHLER-BEGUELIN, M-. Anaphore, cataphore et mémoire discursive. In: CHAROLLES, Mi. (Dir.). **Pratiques**, n. 57, Metz, p.15-43, 1988.

ROCHA, Marco. Anaphoric Demonstratives: Dealing with the Hard Cases. In: BRANCO, A.; McENERY, T.; MITKOV, R. (Eds.). **Linguistic, cognitive and computational modelling**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p.403-428.

SCHIFFRIN, Deborah. Between text and context: Deixis, anaphora, and the meaning of *then*. **Text** 10 (3), p.245-270, 1990.

TAVARES, D. P.F. **Processos de recategorização** – uma proposta classificatória. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFC, Fortaleza, 2003.

VIEIRA, R.; SALMON-ALT, S.; GASPERIN, C. Coreference and Anaphoric Relations of Demonstrative Noun Phrases in Multilingual Corpus. In: BRANCO, A.; McENERY, T.; MITKOV, R. (Eds.). **Linguistic, cognitive and computational modelling**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p.385-402.